

**ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E
SUJEITO NO PENSAMENTO DE MIKHAIL BAKHTIN**

**BIBLIOGRAPHIC ANALYSIS ABOUT THE RELATIONSHIP BETWEEN
LANGUAGE AND SUBJECT IN MIKHAIL BAKHTIN'S THOUGHT**

**ANÁLISIS BIBLIOGRÁFICO SOBRE LA RELACIÓN ENTRE LENGUAJE Y
SUJETO EN EL PENSAMIENTO DE MIKHAIL BAKHTIN**

AGUIAR, Francisco Brandão
francisco.aguiar@ifam.edu.br
IFAM – Instituto Federal do Amazonas
<https://orcid.org/0000-0002-0860-4189>

CHAGAS, Eduardo Ferreira
ef.chagas@uol.com.br
UFC – Universidade Federal do Ceará
<https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>

RESUMO: Mikhail Bakhtin é um pensador russo que ficou popularmente conhecido na segunda metade do século XX. Seu enfoque teórico é caracterizado, além de outros aspectos, por uma concepção dialógica da linguagem, que, por muitas vezes, está relacionada à vida prática do sujeito. Sob esse viés, este trabalho tem como objetivo compreender como se dá a relação entre linguagem e sujeito a partir dos conceitos próprios da teoria bakhtiniana. Nossa pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, indireta e qualitativa. Concluimos que: a categoria do sujeito, no pensamento bakhtiniano, está fundamentada em uma concepção materialista histórico-dialética e possui uma articulação direta com os conceitos linguísticos de polifonia, dialogismo e gêneros do discurso.

Palavras-chave: Linguagem. Sujeito. Mikhail Bakhtin.

ABSTRACT: Mikhail Bakhtin is a Russian thinker who became popular in the second half of the 20th century. In this sense, his theory is characterized by many aspects and by a conception of language related to the practical life of the subject. In this bias, this work aims to understand the relationship between language and subject based on the concepts of Bakhtin himself. Our research is characterized as bibliographic, indirect and qualitative. We concluded that: the category subject, in Bakhtinian thought, is based on a historical-dialectical materialist conception and has a direct articulation with the linguistic concepts of polyphony, dialogism and discourse genres.

Keywords: Language. Subject. Mikhail Bakhtin.

RESUMEN: Mikhail Bakhtin es un pensador ruso que se hizo conocido popularmente en la segunda mitad del siglo XX. Su enfoque teórico se caracteriza, además de otros aspectos, por una concepción dialógica del lenguaje que algunas veces está relacionada con la vida práctica del sujeto. Así, este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se da la relación entre el lenguaje y el sujeto a partir de los conceptos inherentes a la teoría bakhtiniana. Nuestra investigación se caracteriza por ser bibliográfica, indirecta y cualitativa. Concluimos que: la categoría de sujeto, en el pensamiento bakhtiniano, se basa en una concepción materialista histórico-dialéctica y tiene una articulación directa con los conceptos lingüísticos de polifonía, dialogismo y géneros discursivos.

Palabras clave: Lenguaje. Sujeto. Mikhail Bakhtin.

1 INTRODUÇÃO

Mikhail Mikhailovich Bakhtin é um teórico russo que viveu de 1895 a 1975. Diplomado em História e Filologia, o autor doutorou-se, em 1965, com a tese *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Nessa obra, o autor busca rechaçar a norma unívoca e a rigidez dos padrões e estilos de linguagem, reivindicando, assim, o aspecto dialógico do discurso, seu caráter integrador, bem como as múltiplas vozes que o constituem.

A extensa obra de Bakhtin é caracterizada, além de outros aspectos, por uma concepção dialógica da linguagem, que, por muitas vezes, nos remete a uma relação com a vida prática do sujeito. Em obras como *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999), *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008) e *Os gêneros do discurso* (2016), Bakhtin faz algumas considerações que remetem à categoria do sujeito, as quais podem ser articuladas a partir de conceitos próprios de sua teoria.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender como se dá a relação entre linguagem e sujeito a partir dos conceitos próprios da teoria bakhtiniana. A importância de nossa pesquisa dá-se pelo fato de que esse pensador não deixou nenhuma obra, folheto ou artigo dedicado expressamente à categoria sujeito. Assim, a relação entre linguagem e sujeito é um fato ainda pouco explorado em sua teoria.

Nossa abordagem está dividida em três momentos, ao longo dos quais, de maneira geral, trabalharemos os conceitos de polifonia, dialogismo e gêneros discursivos, sempre procurando articulá-los com a categoria do sujeito. Esta pesquisa

trata-se de um estudo bibliográfico, indireto e qualitativo, desenvolvido por meio da interlocução crítico-discursiva.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Polifonia: o sujeito e as múltiplas vozes

Para entender o conceito de polifonia, precisamos compreender que seu aparecimento não está ligado a uma conformidade de visões. No entanto, apesar de não haver unanimidade entre os estudiosos da linguagem acerca da sua origem, não há dúvidas quanto às suas raízes populares, relacionadas a algo incremental ao canto gregoriano. Os primeiros documentos a abordar esse termo surgem no século IX e retratam uma segunda voz acrescentada ao canto monódico. Foi a partir da *Escola de Notre Dame de Paris* que se desenvolveram as variadas formas de música polifônica (WISNIK, 1989).

Em entrevista a Vitkor Duvakin, Bakhtin afirma que se dedicou, desde muito cedo, à leitura de livros filosóficos. Apaixonado por filosofia e literatura, já conhecia Dostoiévski com 11 ou 12 anos de idade (BAKHTIN; DUVAKIN, 2008). Bakhtin abordou e desenvolveu o conceito de polifonia a partir da obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008). Ele inicia afirmando que a principal característica de um romance é sua plurivocalidade. Nesse sentido, sente-se surpreendido com os escritos de Dostoiévski, pois, ao examinar sua obra, observa que seu discurso vai além dessa característica. Existe, portanto, algo além da plurivocalidade em Dostoiévski. Bakhtin (2008, p. 53) argumenta que as vozes do discurso dos personagens apresentam uma independência fascinante na estrutura das obras, “como se soassem ao lado da palavra do autor”.

Dostoiévski não escreveu romances de ideias, romances filosóficos, mas romances sobre ideia. Não criava as suas ideias do mesmo modo que as criam os filósofos ou cientistas: ele criava imagens vivas das ideias auscultadas, às vezes adivinhadas por ele na própria realidade. (BAKHTIN, 2008, p.100).

Jamais devemos esquecer isso, nunca devemos confundir – como foi e está sendo feito até agora – o mundo representado com o mundo fora do texto (realismo nato); nem devemos confundir o autor criador de uma obra com o



autor como ser humano (biografia ingênua) [...]. Todas essas confusões são metodologicamente inadmissíveis. (BAKHTIN, 1981, p. 253).

Várias obras de Dostoiévski revelam esse compromisso pessoal com a ideia, dentre as quais, de acordo com Bakhtin (2008), podemos destacar: *Crime e castigo* (mais especificamente no comportamento do personagem Raskólnikov),¹ *Os Irmãos Karamazov*; e *O idiota*. De acordo com Bakhtin (2008, p. 5):

Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso, diretamente significante. A consciência do herói é dada como a outra, a consciência do outro, ao mesmo tempo não se objetiva, não se fecha, não se torna mero objeto da consciência do autor.

Em Dostoiévski, todas as qualidades objetivas estáveis da personagem, a sua posição social, a tipicidade sociológica e caracterológica, o *habitus*, o perfil espiritual e inclusive sua aparência externa – ou seja, tudo de que se serve o autor para criar uma imagem rígida e estável da personagem, o “quem é ele” – tornam-se objeto de reflexão da própria personagem e objeto de sua autoconsciência; a própria função desta autoconsciência é que constitui o objeto de visão e representação do autor. (BAKHTIN, 2008, p. 53).

O que nos importa trazer aqui é que os personagens de Dostoiévski caracterizam-se por uma multiplicidade de consciências que não se subordinam à consciência do autor. Esse procedimento artístico especial de construção dos escritos de Dostoiévski, a inconclusibilidade temática, a independência e a imiscibilidade vão dar início ao conceito de polifonia, ressignificado por Bakhtin.

Nas palavras do autor:

Não se exige do autor do romance polifônico uma renúncia a si mesmo ou à sua consciência, mas uma ampliação incomum, o aprofundamento e a reconstrução dessa consciência [...] para que ela possa abranger as consciências plenas dos outros. (BAKHTIN, 2008, p. 78).

Bakhtin (2008) acredita que o discurso nunca é unívoco, está sempre distribuído entre vozes, incluindo aí a imagem do autor. Ele defende que toda voz autenticamente criadora só pode ser uma segunda voz dentro do discurso, na medida

¹ Esse compromisso, entre outros fatores, leva-o a assassinar a velha usurária, mas também o leva a confessar o crime, quando já não havia qualquer possibilidade de ser desmascarado.

em que o escritor é alguém capaz de trabalhar a língua situando-se fora dela, alguém que possui o dom da fala indireta.²

De acordo com Bakhtin (2008), polifonia é a multiplicidade de vozes instauradas em um discurso. Assim, as ideias, os pensamentos e as palavras configuram-se como um conjunto que se instaura por meio das múltiplas vozes, ecoando cada uma a sua maneira. É a variação de um tema a partir das diferentes vozes. É interessante notar as condições concretas que o conceito de polifonia traz para o texto. Nesse sentido, o conceito reflete o sujeito histórico social que fala a partir do texto, que, por sua vez, evidencia uma prática, uma vivência.

Polifonia é o que distingue, por exemplo, o diálogo de Dostoiévski do diálogo de Platão. Isto é, mesmo que o diálogo platônico não seja inteiramente monologado, nele a multiplicidade de vozes se apaga na ideia. Platão não concebe a ideia como acontecimento, mas como ser. Comungar na ideia significa comungar no seu ser. Todas as relações de reciprocidade entre os indivíduos cognoscentes, geradas pelos diferentes graus de comunhão na ideia, acabam se extinguindo na plenitude da própria ideia.

Na teoria bakhtiniana, a polifonia possui uma estreita relação com o dialogismo, fato esse que faz com que alguns comentadores desse autor não estabeleçam diferenciação entre os conceitos. Se os entendermos em uma definição sintética, enquanto o processo de diferentes vozes instauradas em um discurso, esses conceitos nos remetem a uma relação sinonímia. No entanto, a polifonia é um conceito anterior à teoria bakhtiniana, é um termo que assume em Bakhtin uma ligação direta com os escritos de Dostoiévski e com os textos escritos de uma forma geral. Já o dialogismo, como veremos mais explicitamente na próxima subseção, quase sempre empregado nas relações dialógicas orais, está presente em todas as obras de Bakhtin. Opondo-se ao monologismo, relaciona-se com o discurso interior; enfim, possui um alcance bem maior.

² Todorov (2011) acrescenta: o autor não tem nenhuma vantagem sobre o herói, não há nenhum excedente semântico que o distinga do herói e as duas consciências têm direitos perfeitamente iguais. As ideias de Dostoiévski, pensador, entrando em seu romance polifônico, entabulam um grande diálogo com as outras imagens de ideias, em um pé de perfeita igualdade. Dostoiévski seria o primeiro a assimilar as relações entre autor e personagem do tipo 'eu-tu', e não mais 'eu-isso'.



De acordo com Maciel (2016), nas apropriações que se tem feito dos textos de comentários acerca da obra de Bakhtin, é bastante frequente o uso do termo 'dialogismo', comumente conceituado como uma relação entre diferentes textos. Entretanto, o que se percebe na leitura original bakhtiniana é que o dialogismo não é apenas a referência de um texto a outro mas também as relações dialógicas que se dão entre as vozes de um discurso, estejam essas vozes nos diálogos face a face do cotidiano ou nos amplos diálogos que se estabelecem por meio de sujeitos que as enunciam em um determinado contexto histórico.

2.2 Dialogismo: da crítica ao monologismo até o processo de interação entre os sujeitos

De acordo com Bruner (2004), a interação desempenha um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem. Ou seja, a atuação do adulto oferece um suporte à aquisição dessa ferramenta por parte da criança. Os jogos, as brincadeiras, as situações de faz de conta, por meio de seus formatos convencionalizados, condicionam o *Language Acquisition Support System* (LASS). Esses estímulos fomentam a ação de diversos processos psicológicos e linguísticos, que se generalizam e garantem a estruturação funcional da comunicação inicial da criança.

Morgenstern (2021) acrescenta que, desde criança, em seu envolvimento diário em diálogos com outras pessoas, o ser humano desenvolve a compreensão de seu papel social e aprende como fazer uso das formas linguísticas convencionais, que são transmitidas por meio das vozes dos outros. Nesse sentido, pode-se dizer que o diálogo é intrínseco à condição humana de comunicação.

As raízes daquilo que podemos denominar de *diálogo*, enquanto meio de comunicação sistematizado, intrínsecas ao sujeito, surgem ainda nos tempos da Grécia Antiga. Como exemplo disso, podemos citar os diálogos socráticos, aos quais temos acesso principalmente por meio dos textos de Platão.

O conceito de *diálogo*, ao longo dos anos, foi sendo sistematizado com primazia em um maior reconhecimento para com aquelas posturas que o traduzem enquanto atitude verbalizada oralmente. Para Svetsitskaya (2020), o diálogo é a personificação



do desejo espiritual de um determinado ser, e sua formalização é a maneira como o sujeito dá identidade a uma expressão autoral.

Em Bakhtin, o diálogo assume uma perspectiva mais abrangente: não é compreendido somente em seu sentido formal tradicional, isto é, não está resumido a uma relação face a face, mas é visto como um conceito que assume uma dimensão mais ampla, um fenômeno que se dá entre sujeitos, entre textos, entre discursos, entre autores, entre disciplinas, entre culturas, entre épocas, etc.

Bakhtin (2011, p. 383) afirma que “[...] no diálogo as vozes (parte das vozes) se soltam, soltam-se as entonações (pessoais e emocionais) das palavras e réplicas vivas, extirpam-se os conceitos dos juízos abstratos”. O autor ainda acrescenta que o diálogo propriamente dito é apenas um dos elementos que compõem o dialogismo; assim, constitui-se como a manifestação externa mais evidente, simples e superficial de um fenômeno mais complexo (BAKHTIN, 2008).

O dialogismo é um conceito que permeia muitas obras de Bakhtin. Em síntese, podemos compreendê-lo como um princípio constitutivo da linguagem; é a condição primária do sentido do discurso. De acordo com Barros e Fiorin (2011), podemos entender o dialogismo como um termo que compreende o universo composto não por sujeitos divididos entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas sim por signos. Desde o mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os mais complexos, como a obra de Marx, cujos valores e significados não são dados estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis (BARROS; FIORIN, 2011).

No pensamento bakhtiniano, a primeira coisa que temos que entender em relação ao dialogismo é sua oposição ao conceito de monologismo. No dialogismo, os sujeitos receptores não são isolados ou fechados em si mesmos, porquanto se relacionam com o contexto cultural, dispersos em códigos sociais, literários, etc. (SVENTSITSKAYA, 2020). Bakhtin e Volóchinov (2006), em primeiro lugar, pontuam que a filologia de seu tempo se caracterizava como uma grande defensora da concepção monológica, fato esse que acabava por conformar um problema para a teoria linguística de um modo geral. A enunciação isolada, fechada e monológica, desvinculada de seu contexto linguístico real e baseada em uma compreensão

passiva do filólogo, tem sido o ponto de partida das teorias da linguística. A esse respeito, assim afirmam os autores:

Estudam-se documentos históricos em relação aos quais o filólogo adota uma atitude de compreensão passiva. Assim, todo o trabalho desenvolve-se nos limites de uma dada enunciação. Os próprios limites da enunciação como uma entidade total são pouco percebidos. O trabalho de pesquisa reduz-se ao estudo das relações imanentes no interior do terreno da enunciação. Todos os problemas daquilo que se poderia chamar de “política externa” da enunciação ficam excluídos do campo da observação. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006, p. 106).

Consequentemente, todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica proferida pelo sujeito constituem um todo, que é ignorado pela reflexão linguística. Esta, na verdade, não ousa ir além dos elementos constitutivos da enunciação monológica. Seu alcance máximo é a frase complexa (o período). A estrutura da enunciação completa é algo cujo estudo a linguística deixa para outras disciplinas: a retórica e a poética. Ela própria é incapaz de abordar as formas de composição do todo. Eis porque, de maneira geral, não há relação nem transição progressiva alguma entre as formas dos elementos constituintes da enunciação e as formas do todo em que ela se insere (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006). Assim,

O monologismo nega ao extremo, fora de si, à existência de outra consciência isônimo-responsiva, de outro *eu (tu)* isônimo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o *outro* permanece inteiramente apenas *objeto* da consciência e não outra consciência. Dele não se separa uma resposta que possa modificar tudo no mundo da minha consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força *decisiva*. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, retifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. (BAKHTIN, 2011, p. 348).

Os seres humanos, e por assim dizer o outro e o eu, incitam as suas habilidades de representação e combinam modalidades semióticas a fim de coconstruir o significado, de se referir a entidades e acontecimentos presentes e ausentes, de expressar intenções, desejos e sentimentos. Esse processo considera um conjunto de interações e postula uma máxima contra o monologismo (MORGENSTERN, 2021).

Para Vianna (2019), a comunicação, tida como realidade fundamental da língua, é justamente o processo de expressar-se em relação ao outro, e não simplesmente para o outro. É esse *em relação*, no qual o eu só existe perante o outro

e só assim pode se expressar, que configura a dinâmica da interação verbal (discursiva).

A enunciação monológica fechada constitui, de fato, uma abstração. A concretização de uma dada palavra só é possível com sua inclusão no contexto histórico real em que o sujeito está inserido. Na enunciação monológica isolada, os fios que ligam a palavra a toda a evolução histórica concreta foram cortados (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2006). Portanto, não há nessa situação aquilo que Bakhtin chama de dialogismo.

Outra questão preocupante em relação ao monologismo refere-se ao fato de que a análise do discurso interior elaborada por muitos teóricos da linguagem tenta provar que as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos. Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 99) refutam essa concepção afirmando que

A enunciação monológica já é uma abstração, embora seja uma abstração do tipo “natural”. Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. Cada inscrição constitui uma parte inalienável da ciência ou da literatura ou da vida política. Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante.

Bakhtin (2011, p. 299) acrescenta ainda que

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia de comunicação discursiva. Ele tem limites precisos determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado do outro é, antes de tudo, como a mônada, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural).

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. (BAKHTIN, 2011, p. 371).

O dialogismo seria então algo contrário ao monologismo. No sentido linguístico, decorre da interação verbal entre os sujeitos que estabelecem o diálogo. Mesmo o

diálogo interior precisa e pressupõe outro sujeito para poder se efetivar. De acordo com Barros e Fiorin (2011), Bakhtin concebe o dialogismo como um espaço interacional entre o *eu* e o *tu*, ou entre o *eu* e o *outro*. As referências de Bakhtin ao papel do *outro* na constituição do sentido são extremamente frequentes ao longo de suas obras; ele vai mais além, no sentido de afirmar que nenhuma palavra é nossa, porque traz em si a perspectiva da voz do outro.

Para Lipman, Oscanyan e Scharp (1994), quando internalizamos o diálogo, não apenas reproduzimos a expressão dos pensamentos dos outros sujeitos como também argumentamos, em nossas próprias mentes, a respeito dessas opiniões. Além disso, absorvemos do diálogo que ouvimos o modo como as pessoas inferem, identificam pressuposições, exigem razões umas das outras e se envolvem em interações intelectuais críticas.

Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2011) argumenta que o dialogismo não se constrói somente pelo sujeito que fala, nem pelo discurso a partir de si mesmo: é uma elaboração do sujeito tendo em vista o outro. Isto é, o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu, revelando, dessa maneira, a língua em suas múltiplas formas, bem como a sua natureza dialógica. O dialogismo, além de ser um conceito sempre presente nos escritos de Bakhtin, funciona como célula geradora que singulariza e mantém vivo o pensamento produtivo do sujeito.

Em *Questões de literatura e de estética do romance*, Bakhtin (1988, p. 88) pontua que

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os caminhos até o seu objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

De acordo com Fiorin (2006), o dialogismo é um conceito de extrema importância, pois percorre todo o conjunto da obra de Bakhtin. Tal conceito foi aplicado no estudo da linguagem como fator determinante para a formulação das ideias do sujeito que pensa. Foi a partir do conceito de dialogismo que o teórico russo procurou apontar as diversas vozes presentes em um mesmo discurso, bem como a sua

historicidade, isto é, como se estabelece a relação de um discurso oral entre os sujeitos no contexto real e histórico.

O dialogismo e a polifonia são conceitos fundamentais na compreensão da dinâmica inerente ao processo de comunicação entre os sujeitos. Isso significa que esses conceitos compreendem o discurso não sob o aspecto da fala individual, mas sim no âmbito da sua instância significativa e do entrelaçamento de discursos. Esse entrelaçamento entre discursos, por sua vez, é veiculado socialmente e realiza-se nas e pelas interações entre sujeitos históricos e sociais.

2.3 A diversidade de gêneros do discurso e sua relação com o sujeito

Podemos afirmar que todos os diversos campos da vida do sujeito estão interligados ao uso da linguagem. É compreensível que, em relação aos campos da atividade humana, o caráter e as formas desse uso sejam multiformes. Logicamente que esse fato não contradiz a unidade nacional de uma língua. De acordo com Bakhtin (2011, 2016), o emprego da língua ocorre em forma de enunciados, que podem ser orais ou escritos, proferidos por integrantes de um determinado campo de atividade do sujeito. Esses enunciados traduzem as condições específicas e as finalidades de cada campo, que vão além do seu conteúdo (temático) e estilo de linguagem, ou seja, não só pela seleção das regras lexicais, fraseológicas e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, pela construção de sua composição.

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são três elementos indissoluvelmente ligados no conjunto dos enunciados. Esses componentes são ainda igualmente determinados pela especificidade de cada campo da comunicação do sujeito. São exatamente esses campos da comunicação, compostos pelos elementos elencados acima, que Bakhtin denominou de *gêneros do discurso*.

O estilo, de acordo com Bakhtin (2011), manifesta-se pelo ponto de vista do sujeito acerca do assunto; é aquilo que leva em consideração, por um lado, as experiências anteriores do sujeito e, por outro, aquilo que os outros sujeitos poderão dizer acerca de um determinado tema. Bakhtin postula que o estilo é o elemento que melhor explicita seu enunciador e está fundamentalmente conectado ao tema, pois é

algo indissociável das unidades temáticas. Sua materialização se dá claramente pelas escolhas linguísticas, que são feitas pelo enunciador com vistas ao seu interlocutor e ao tema em pauta.

O conteúdo temático é aquilo que é desenvolvido durante o processo de escrita de um determinado texto. Ele sempre ocorre dentro de um campo específico de atividade do sujeito. Constitui-se por meio de uma série de assuntos relacionados a uma mesma temática. Já o aspecto composicional é algo que ocorre quando o enunciador chega ao final do texto e acaba por tornar explícito aquilo que pretendia dizer por meio de parágrafos. Assim, esse aspecto caracteriza-se como o conjunto desses parágrafos com um sentido determinado (BAKHTIN, 2011, 2016).

Para Medviédev e Bakhtin (1994), a forma composicional não existe como uma *forma vazia*, mas somente enquanto enunciado real e único, com sua extensão e disposição gráfica próprias. Os autores afirmam ainda que é ao ganhar conteúdo que a forma ganha definição, necessariamente: isto é, os dois conceitos tornam-se indissociáveis.

Em *Questões de estilística no ensino da língua*, Bakhtin (2013) afirma que a vontade discursiva do sujeito falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero do discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações temáticas, pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, desenvolvendo-se em uma determinada forma de gênero.

Há uma riqueza imensa quanto à diversidade de gêneros do discurso, pois existem inúmeras e inesgotáveis possibilidades na multifacetada atividade do sujeito. Cada campo de atividade elabora um conjunto dinâmico de gêneros do discurso, uma vez que eles crescem e se diferenciam à medida que o campo se desenvolve e ganha complexidade. De acordo com Brait *et al.* (2020), a realidade é múltipla, portanto a língua e os discursos se concretizam em diferentes gêneros.

São diversos os tipos de gêneros, mas cabe ressaltar que, entre os gêneros do discurso comuns a cada área, existem ainda aqueles para os quais atentamos menos,

tais como: as breves réplicas do diálogo do cotidiano (Bakhtin salienta que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato cotidiano, a carta (em todas as suas diversas formas), etc.

Para Bakhtin (2016), a heterogeneidade funcional dos gêneros do discurso faz com que muitos estudiosos da linguagem tornem seus traços gerais demasiadamente abstratos e vazios. Assim, o que mais se estuda nas teorias da linguagem são os gêneros literários, retóricos e discursivos. O pensador afirma que o primeiro erro no estudo dos gêneros foi a minimização de sua extrema heterogeneidade:

[...] a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso, em qualquer campo de investigação linguística, redundam [*sic*] em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2016, p. 16).

Medviédev (2012, p. 198) acrescenta:

Se abordarmos o gênero do ponto de vista da sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade. [...] Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade.

Bakhtin (2016) defende que saber a diferença entre os gêneros do discurso primário (simples) e secundário (complexos) é fundamental para uma introdução ao estudo dos gêneros. Assim, os gêneros do discurso primário são aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata. Já os secundários (romances, dramas, pesquisas científicas, etc.) surgem do convívio cultural mais complexo, relativamente desenvolvido e organizado, sendo predominantemente escritos (ficcional, científico, sociopolíticos, etc.). No processo de formação, os gêneros secundários incorporam e reelaboram os diversos gêneros primários.

Bakhtin (2016) afirma que todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciado, isto é, aos gêneros do discurso. Outro fato que temos que levar em conta é que os enunciados (orais ou escritos, primários ou secundários) e também os campos da comunicação discursiva podem refletir a

individualidade do sujeito falante (ou do sujeito que escreve), entretanto nem todos os gêneros são igualmente propícios a aceitar tal individualidade.

Os gêneros literários da ficção são os mais propícios a aceitar a individualidade do sujeito. Na ficção, a individualidade integra-se diretamente ao enunciado – aliás, esse é um dos seus objetivos principais. Bakhtin (2016, p. 17) argumenta que, “[...] no âmbito da literatura de ficção, os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos dessa individualidade”.

Os gêneros do discurso que oferecem condições menos propícias para o desenvolvimento da individualidade do sujeito são aqueles que requerem uma forma padronizada, a exemplo de muitas modalidades de documentos oficiais. De acordo com Bakhtin (2016), na maioria dos gêneros discursivos, o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como seu objetivo, vira apenas um produto acidental do enunciado.

A relação entre gênero e estilo de linguagem revela que os estilos de linguagem não são outra coisa senão estilos de gêneros de determinadas esferas dos campos de atividade da comunicação do sujeito. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às suas condições específicas. De acordo com Bakhtin (2016, p. 18),

Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis [...]. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento.

A estilística da língua, como disciplina autônoma, é necessária. Entretanto, esse estudo precisa levar em conta a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso. De acordo com Bakhtin (2016), em seu tempo, a estilística da língua ainda carecia de semelhante base no estudo prévio das modalidades de gêneros. Daí decorreria sua fraqueza. Assim, não existe uma classificação dos estilos de linguagem que goze de um reconhecimento geral. As classificações são sumamente pobres e não diferenciadas.



Bakhtin (2016) sustenta que, em uma gramática acadêmica da língua russa recentemente publicada, por exemplo, são apresentadas as seguintes variedades estilísticas da língua: o discurso do livro, o discurso popular, o discurso abstrato-científico, técnico-científico, jornalístico-publicístico, oficial, familiar-cotidiano e popular-vulgar. Paralelamente a esses estilos de linguagem, figuram como modalidades estilísticas palavras dialetais, palavras arcaicas e expressões profissionais, dando vez a uma classificação dos estilos absolutamente aleatória. De acordo com o autor, tudo isso resulta da ausência de uma classificação bem pensada dos gêneros de discurso por campo de atividade do sujeito, bem como da falta de distinção entre os gêneros primários e secundários, importante para a estilística.

Outra questão importante que devemos ter em conta nessa relação entre os gêneros do discurso e a estilística refere-se ao fato de que as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolivelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. Isto é, para entender a complexa dinâmica histórica desses sistemas e superar a descrição simples (e superficial, na maioria dos casos) dos estilos, que estão presentes e se alternam para a explicação histórica dessas mudanças, faz-se necessário uma elaboração especial da história dos gêneros (tanto primários quanto secundários). Essa elaboração deve refletir de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social do sujeito, uma vez que essas mudanças influenciam na modificação dos gêneros (BAKHTIN, 2016).

De acordo com Todorov (2011), cada campo dessas vastas explorações pode ser julgado no domínio que lhe é próprio, mas também fica claro que todas elas participam de um projeto comum. Esse projeto não pode ser conciliado com a ideologia individualista do sujeito.

Para Fiorin (2006), em relação aos gêneros do discurso, o que importa no pensamento bakhtiniano é a maneira como eles se constituem, sua conexão e interação com as atividades do sujeito, ou seja, seu processo de produção. Isso quer dizer que os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social do sujeito. Nesse sentido, Bakhtin (2011, p. 364) acrescenta:

Os gêneros têm um significado particularmente importante. Ao longo dos séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo. Para o escritor-

artesão, os gêneros servem como um chavão externo, já o grande artista desperta neles as potencialidades de sentido jacentes. Shakespeare usou e inseriu em suas obras os imensos tesouros dos sentidos potenciais que em sua época não puderam ser descobertos e conscientizados em toda a sua plenitude.

Bakhtin (2011) afirma que o sujeito fala, verbaliza e se expressa por meio de gêneros do discurso. Esses gêneros são algo que sempre se realizam no interior de uma determinada esfera da atividade humana. Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. Na evolução da língua, o tom de cada época é dado por determinados gêneros do discurso; não somente secundários mas também primários.

3 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo compreender como se dá a relação entre linguagem e sujeito a partir dos conceitos próprios da teoria bakhtiniana. Em suma, a pesquisa mostrou que: no tocante ao conceito de polifonia, esse conceito deve ser entendido como a multiplicidade de vozes instauradas em um discurso. Caracteriza-se, assim, como a variação de um tema a partir das diferentes vozes sobre as condições concretas de um determinado texto. Logo, esse conceito, por estar diretamente ligado às condições reais e concretas que o texto deve expressar, reflete ou deve refletir a figura do sujeito histórico social que fala a partir do texto.

Em relação ao dialogismo, observamos que tal conceito possui uma estreita relação com o conceito de polifonia, entretanto polifonia assume, no pensamento bakhtiniano, uma ligação direta com os escritos de Dostoiévski e com os textos escritos de uma forma geral. Já o dialogismo quase sempre é empregado nas relações dialógicas orais. Constatamos que o diálogo é apenas um dos elementos que compõem o dialogismo. Assim, o diálogo é a manifestação externa mais evidente, simples e superficial de um fenômeno mais complexo. Logo, o dialogismo é um conceito sempre presente nos escritos de Bakhtin e funciona como uma célula

geradora que singulariza e mantém vivo o pensamento produtivo do sujeito. O dialogismo ficou entendido como um espaço interacional entre o *eu* e o *tu*, ou entre o *eu* e o *outro*. São as diferentes vozes e historicidades instauradas em um discurso oral, face a face, que partem do sujeito construído histórica e socialmente.

Quanto aos gêneros discursivos, vimos que eles são compreendidos como os enunciados orais ou escritos proferidos por integrantes de um determinado campo de atividade, que traduzem as condições específicas e as finalidades desse campo de atuação do sujeito. O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são elementos indissolivelmente ligados no conjunto dos enunciados. Assim, esses três elementos dão materialidade ao conceito de gêneros discursivos. Os gêneros do discurso estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social do sujeito, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem do sujeito.

FRANCISCO BRANDÃO AGUIAR

Docente do Instituto Federal do Amazonas (Ifam). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Graduado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (Iseed). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

EDUARDO FERREIRA CHAGAS

Docente do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação (Faced) da UFC. Pós-doutor em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha). Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 2).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination*. Editado por Michael Holquist. Tradução para o inglês de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução: Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.



BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Prefácio e edição francesa: Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad. Sheila Vieira Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M.; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Vitkor Duvakin*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

BAKHTIN, M. M.; VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: EdUSP 2011.

BRAIT, B.; et al. Bakhtin e o Círculo: línguas, discursos, gêneros e produção de sentido. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, São Paulo, v. 15, n. 2, abr./jun. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bak/a/GdgHR8XT3nTCS7wbRq3f8Mn/?lang=pt>. Acesso em: 2º set. 2022.

BRUNER, J. *Comment les enfants apprennent à parler*. Paris: Retz, 2004.

FIORIN: José Luiz de. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SCHARP, A. M. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MACIEL, L. V. de C. Diferenças entre dialogismo e polifonia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 580-601, 2016. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8270>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIEDÉV, P. N.; BAKHTIN, M. *El método formal en los estudios literarios: Introducción crítica a una poética sociológica*. Tradução: Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

MORGENSTERN, A. A voz do outro na coconstrução da autorreferenciação na criança. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 61-87, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/47133>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SVENTSITSKAYA, E. A concepção da palavra em Mikhail Bakhtin no contexto da crítica literária contemporânea. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 8-28, out./dez. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/bak/a/8TZ3dSxsZS9yNCzDNQXXBjJ/?lang=pt#:~:text=Os%20extremos%20de%20ambas%20as,210\)%207](https://www.scielo.br/j/bak/a/8TZ3dSxsZS9yNCzDNQXXBjJ/?lang=pt#:~:text=Os%20extremos%20de%20ambas%20as,210)%207). Acesso em: 20 mar. 2022.

TODOROV, T. *Prefácio à edição francesa*. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Prefácio e edição francesa: Tzvetan Todorov. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.p. 13-32.

VIANNA, Rodolfo. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. *Odisseia*, Natal, RN, v. 4, n. 1, p. 19-33, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/16818>. Acesso em: 20 mar. 2022.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Recebido em: 27/05/2022.

Aprovado em: 15/03/2023